

# GERMANO DE ALMEIDA

(1994)

A Boa Vista povoa a memória e o imaginário de Germano de Almeida. O escritor reencontra-a no tempo da sua infância, esculpido serenamente em cada palavra de *A Ilha Fantástica*. Um livro de memórias. Da infância. Memórias que ajudam uma pessoa a crescer. Ficam dentro, ora a levedar, sem idade, ora rodopiando na alma, de repente, num alvoroço que desperta a vontade de pular no tempo para visitar sítios e pessoas. E viver mais completamente.

Surgiu, assim, *A Ilha Fantástica*. A ilha da Boa Vista, do escritor-advogado de Cabo Verde, com lugar marcado na literatura de língua portuguesa. É dele, também, *O Testamento do Sr. Napomuceno da Silva Araújo*. O traço literário de Germano de Almeida está igualmente em títulos como *O Meu Poeta* e *O Dia das Calças Roladas*, obras com histórias de amor e malícias de gente que fala igual a todos.

## **Quando descobriu a sua ilha fantástica?**

As recordações são maiores quando estamos longe. Fiz a descoberta da minha ilha fora dela, no norte de Angola, em Buela (Maquela do Zombo), onde cumpri serviço militar. Mas sinto uma grande dificuldade em falar dos meus livros. Se

repararmos, as personagens têm o seu mundo e a sua vida. Ganham a sua independência. E os leitores vão interpretá-las de maneiras diferentes. Uma vez escritos, os livros não nos pertencem mais.

### **Quem habita *A Ilha Fantástica* não é, sobretudo, Germano de Almeida?**

Não posso negar que grande parte d'*A Ilha Fantástica* sou eu a reviver a minha infância. Começa com uma estória sobre a nossa bruxa familiar, muito velha e muito amiga, com quem brincávamos.

### **As bruxas nas comunidades africanas são diferentes das outras? Parecem mais encantadoras...**

Nem todas. A ti'Júlia era uma bruxa que trabalhava só com santos, mas tinha uma atitude quase militarista perante eles. Quando os santos não lhe faziam a vontade, ela obrigava-os.

### **Acredita mesmo em bruxas?**

Já não, obviamente. Mas cresci num ambiente em que havia bruxas de toda a espécie e feitio. Faziam parte de um imaginário.

### **Que recordações da sua ilha mais o marcaram?**

Tinha para aí 12 anos. Escutei um barulho, já meu conhecido, mas mais violento naquele instante. Um homem estava a levar palmatoadas, não sei quantas. Havia uma forte seca na Boa Vista. Ele subira a um coqueiro e roubou dois cocos para matar a sede e a fome. A dona queixou-se. O homem foi levado ao administrador e deram-lhe não sei quantas palmatoadas. Naquela hora, disse a mim mesmo: hei de ser advogado para defender esta gente.

### **Há outra personagem neste livro, o Lela, pela qual nutre especial ternura...**

Era o homem da contestação. Sem copos, o Lela era pacífico, pacato, mas se bebia um copito, então falava, contestava, dizia mal dos que martirizavam o povo, e eu adorava o Lela. Estava em causa o sistema e não o povo português.

**Foi um menino que sonhou ser advogado por acreditar na justiça como um bem inalienável. O advogado que tem hoje 48 anos ainda acredita?**

A justiça é um ideal que não pode ser perdido de vista; tem maiores ou menores solavancos.

**Como se sentiu ao pegar numa arma do lado da guerra que combatia o seu povo? Não foi em Cabo Verde, mas não deixava de ser África.**

Fui mobilizado. Tentei fugir por duas vezes, só que não se propiciaram as condições. Não tinha dinheiro para pagar aos «passadores».

**Como enfrentou esse teatro de guerra?**

Num cenário de guerra, a pessoa procura salvar a vida. Luta-se pela sobrevivência. Uma vez, prendemos um homem do lado rebelde. Eu senti-me próximo dele. Agora, em situações de grande conflito, com tiros de todos os lados, a única coisa que se pensa é sobreviver. Mata-se para salvar a pele, nem se pensa.

**África poderia ter encontrado caminhos de independência sem necessidade da luta armada?**

Seria desejável que tivesse havido outros caminhos. O governo de Salazar falhou em toda a sua perspetiva para África. Outras experiências mostravam como se poderia resolver o problema sem recurso às armas.

**Como olha para a África de hoje?**

Tenho uma ideia muito arreigada. Há dias, disse a Pepetela e ao Craveirinha: os meus netos ainda hão de viver nos Estados Unidos de África, o que só acontecerá a muito longo prazo, mas parece-me inevitável.

**Os intelectuais africanos, à semelhança de outros, tiveram na clandestinidade um papel interventor. Não estão, hoje, um pouco distanciados?**

Desempenharam um papel de forte intervenção em dado período, visando alcançar a independência. Está agora a criar-se uma nova classe de intelectuais pós-independência. Os mais conhecidos talvez sejam, ainda, os antigos, mas torna-se um pouco complicado para eles intervirem. Vai ter de se definir outra etapa com uma nova geração.

**E os mais velhos demitem-se do presente? Essa realidade não os toca?**

Deve tocar, mas seria complicado para eles tomar qualquer atitude que pudesse sugerir uma oposição aos ideais por que lutaram. Não encontraram, por enquanto, as formas corretas de intervenção neste momento. Há de chegar-se lá.

**A língua portuguesa pode ser, ainda, um elo?**

Direi que a minha pátria é, também, a língua portuguesa. Cresci numa casa onde nunca ouvi ao meu pai uma palavra em crioulo e nem à minha mãe uma palavra em português. O meu pai falava em português, nós respondíamos em crioulo. Ninguém obrigava ou punia o outro.